

Programa de Pós-Graduação
Área de Filosofia
FLF5318 Filosofia Geral (Pode a Subalterna Falar?)
Profa. Dra. Tessa Moura Lacerda
2º Semestre de 2023
Créditos: 08
Duração: 12 semanas

PODE A SUBALTERNA FALAR?

I – OBJETIVOS

O pensamento é situado? G. W. Leibniz (1646-1716) usa a noção de situs para explicar que estamos situados no tempo e no espaço a partir do corpo. Relacionamo-nos com tudo e com todos a partir dessa situação singular. Três séculos depois, Gayatri Spivak, filósofa feminista de origem indiana, pergunta-se o que significa ser uma intelectual em um país colonizado do sul global. O que significa ser uma pessoa subalternizada em um país colonizado?

G. Spivak escreve um longo texto no qual dialoga com Foucault e com Deleuze sobre o que significa ser mulher em um país que não está no centro do capitalismo global. Spivak escreve contra a ideia de um sujeito universal a partir do qual a questão da construção da subjetividade poderia ser pensada e trabalhada. O lugar de um sujeito numa sociedade que não está no centro do capitalismo global interfere diretamente nesse processo de subjetivação e não deve ser ignorado. Não existe sujeito universal, mas sujeitos corporificados que fazem parte de sociedades que estão em situações diferentes dentro do regime capitalista global. Se Deleuze e Foucault, de maneiras diferentes, perguntam-se quais são os processos de construção da subjetividade na contemporaneidade ou o que é o sujeito e qual a relação entre subjetividade e sujeição; Spivak fala em subjetividades subalternas, que nem sempre podem ser ouvidas, e cita o exemplo paradigmático de uma jovem indiana que militava pela independência da Índia e cuja mensagem jamais foi escutada. Pode o subalterno falar? A intelectual e o intelectual têm um papel importante na criação de espaços para que, sim, o subalterno possa falar.

Feministas negras questionam, desde a chamada segunda onda do feminismo, o apagamento das diferenças como condição para desconstrução da identidade metafísica ocidental e para se pensar o sujeito do feminismo. Autoras como Ângela Davis, bell hooks, Patrícia Hill Collins, Audre Lorde, mas também as brasileiras Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro e Denise Ferreira da Silva, questionam a ideia de um sujeito transparente e denunciam que não apenas a afirmação de uma identidade (tal como se fez ao longo da história da filosofia até o século XX), mas também o apagamento de qualquer ideia de identidade do sujeito, como sugerem filósofos como Deleuze e Foucault, podem levar ao apagamento das diferenças como constitutivas dos sujeitos concretos. A mulher negra, porque sofre um conjunto de opressões simultaneamente – de raça, de gênero e de classe –, não é apenas um Outro excluído da categoria de sujeito tal como constatava Simone de Beauvoir em relação às mulheres diante dos homens, mas um “Outro do Outro”, como afirma Grada Kilomba – porque, se irmanada com o homem negro, não se reconhece como sujeito de um feminismo da mulher branca, se irmanada com as mulheres brancas, não pode ser sujeito de luta contra o racismo junto com os homens negros.

Spivak pode ser considerada uma representante do feminismo pós-colonial. Mas temos também um pensamento decolonial, um pensamento anti-colonial, que visam pensar as elaborações filosóficas do sul global. Como qualquer classificação, essas divisões são um tanto arbitrárias, por exemplo, uma pensadora como a brasileira Lélia Gonzalez pode ser vista tanto como representante do feminismo negro brasileiro e como alguém que aporta um pensamento decolonial. O que nos interessa neste curso é menos a classificação dessas feministas em grupos e mais a reflexão sobre as respostas que foram construídas por uma série de pensadoras contemporâneas à pergunta de Spivak: pode o subalterno falar? Trata-se de ler/ouvir o discurso de subjetividades subalternas.

II – CONTEÚDO

1. Feminismo pós-colonial: Gayatri Spivak: pode o subalterno falar?
2. Feminismo decolonial
 - 2.1 Ochy Curiel: metodologias feministas
 - 2.2 Yuderkys Espinosa Miñoso: crítica da colonialidade
 - 2.3 Maria Lugones: rumo ao feminismo decolonial

2.4 Rita Segato: um vocabulário descolonial

2.5 Anzáldua: a mestiça

3. Feminismo negro no Brasil

3.1. Lélia Gonzalez: um feminismo afro-latino-americano.

3.2 Beatriz Nascimento: a mulher negra

3.3 Sueli Carneiro: a construção do outro como não-ser.

3.4. Denise Ferreira da Silva: sobre diferença sem separabilidade.

4. Feminismo negro no norte global

4.1 Grada Kilomba: a subalterna fala

4.2 Ângela Davis: interseccionalidade

4.3 bell hooks: um feminismo para todo mundo

4.4 Patrícia Hill Collins: o conceito de “outsider within”

4.5 Audre Lorde: não há hierarquia de opressões

III - AVALIAÇÃO

Seminários em grupo (30%) e dissertação (70%) da nota.

IV – BIBLIOGRAFIA

(Bibliografia complementar será fornecida ao longo do curso).

MODULO I;

Gayatri Spivak

SPIVAK, G. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____ “Quem reivindica a alteridade?” IN: Holanda, Heloísa Buarque de. Pensamento feminista hoje. Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MÓDULO II:

Ochy Curiel

CURIEL, O. “Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial” IN:

HOLLANDA, Heloisa

Buarque de, Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais, Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2020.

Yuderkys Espinosa Miñoso

MIÑOSO, Y. “Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica da América Latina” IN: HOLLANDA, Heloisa Buarque de,

Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais, Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2020.

Maria Lugones

LUGONES, M. “Colonialidade e gênero” IN: HOLLANDA, Heloisa Buarque de, Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais, Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2020.

_____. “Rumo a um feminismo decolonial” IN HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.), Pensamento feminista. Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

Glória Anzáldua

ANZÁLDUA, G. “La consciência de la mestiza/Rumo a uma nova consciência” IN HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.), Pensamento feminista. Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

Rita Segato

SEGATO, R. “Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial”, e-cadernos CES [Online], 18 | 2012, colocado online no dia 01 dezembro 2012, consultado a 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/eces/1533> ; DOI : 10.4000/eces.1533

_____. “Os percursos do gênero na antropologia e para além dela”. Revista Estado e Sociedade, 1998.

MÓDULO III:

Lélia Gonzalez

GONZALEZ, L. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 198, p.223-244./ IN HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.), Pensamento feminista brasileiro. Rio de Janeiro: Bazar doTempo, 2019.

_____. “A categoria político-cultural da Amefricanidade”. IN HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.), Pensamento feminista. Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

_____. “Por um feminismo afro-latino-americano”, IN: Caderno de formação política do Círculo Palmarino, n.1, p.12-20.

_____. Primavera para as rosas negras. Diáspora Africana, 2018.

Beatriz Nascimento

NASCIMENTO, B. “A mulher negra no mercado de trabalho” IN HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.), Pensamento feminista brasileiro. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

_____. “A mulher negra e o amor” IN HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.), Pensamento feminista brasileiro. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

Sueli Carneiro

CARNEIRO, S. “Mulheres em movimento”. Revista Estudos Avançados. N. 17. 2003./ IN HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.), Pensamento feminista brasileiro. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

_____. “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”. IN HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.), Pensamento feminista. Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

_____. Escritos de uma vida. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

CARNEIRO, SUELI. A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Tese de doutorado. FEUSP.

Denise Ferreira da Silva

SILVA, Denise Ferreira da. “Sobre a diferença sem separabilidade”

_____. “Ninguém: direito, racialidade, violência” Meritum. V. 9. N. 1. Belo Horizonte: 2014 (p.67-117)

_____. “A dívida impagável: lendo cenas de valor contra a flecha do tempo”

_____. “À brasileira: racialidade e a escrita de um desejo destrutivo”, Estudos Feministas, 14 (1), Florianópolis: 2006.

_____. Toward a global idea of race. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2007.

_____. Toward a black feminism poethics. The Black Scholar, vol.44, number 2, 2014.

_____ “An introduction: the predicamento of brazilian culture” Social Identities. Volume 10. Number 6. 2004.

_____ “Notes for a critique of ‘metaphysics of race’ “ Theory, Culture and Society, vol.28 (1), Los Angeles, London, New Delhi, Singapore: 2011 (p.138-148)

_____, “The end of Brazil: an analysis of the debate on racial equity on the edges of global Market capitalism”

_____, “Bahia pelô negro’: can the subaltern (subject of raciality) speak?” Ethnicities, San Diego: 2005.

MÓDULO IV

Angela Davis

DAVIS, A. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____ Mulheres, cultura e política. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____ A liberdade é uma luta constante. São Paulo: Boitempo, 2018.

bell hooks

HOOKS, B. “Mulheres negras: moldando a teoria feminista”. Revista Brasileira de Ciência Política, n.16, Brasília: 2015.

_____. Olhares negros: Raça e Representação. São Paulo: Elefante, 2019.

_____. Feminismo é para todo mundo. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

_____. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

https://drive.google.com/file/d/0ByZ8_5AA1sIUMFFFS01uRkxPbkU/view

Vários textos dela (em inglês e português): <https://www.tubmanbra.com/blog/10-obras-em-pdf-por-bell-hooks-para-voce-nao-reclamar-de-tedio-no-twitter>

Patrícia Hill Collins

COLLINS, P. H. . “Aprendendo com a outsider within; a significação sociológica do pensamento feminista negro”.

Revista Sociedade e Estado. Vol.31, número 1, jan.-abril 2016 – p.99-127.

<http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>

_____. Pensamento feminista negro. São Paulo: Boitempo, 2019.

_____. “Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição”. IN HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.), Pensamento feminista. Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

Audre Lorde

LORDE, A. “Não existe hierarquia de opressão” IN HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.), Pensamento feminista. Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

_____. “Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença” IN HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.), Pensamento feminista. Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

_____. Sou sua irmã. São Paulo: Ubu/Bazar do Tempo/Relicário/Elefante, 2020.

_____. Entre nós mesmas. Poemas reunidos. São Paulo: Bazar do Tempo, 2020.

Outros

Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.

CASTRO, Susana de. “Condescendência: estratégia pater-colonial de poder”. IN: HOLLANDA, Heloisa Buarque de, Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais, Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2020

CHAUI, M. Repressão sexual. Essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CORREIA, SONIA “A categoria mulher não serve mais para a luta feminista”, entrevista. Sur 24, v. 13, n.24, 2016.

DAVIS, Natalie Zemon. “‘Women’s History’ in Transition: The European Case. IN: Feminist Studies, vol. 3, n. 3/4. Primavera-outono 1976, pp. 83-103.

FANON, Frantz. Pele negra. Máscaras Brancas. Salvador: Edufba, 2008.

HOLLANDA, H. B. (ORG) Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KILOMBA, GRADA. Memórias da plantação. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. Crítica da razão negra. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____. Necropolítica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NASCIMENTO, Abdias. O genocídio do negro brasileiro. São Paulo: Perspectiva, 2016.

RUBIN, G. Políticas do sexo. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SODRÉ, Muniz. Pensar nagô. Petrópolis: Vozes, 2017.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1999.